RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: Planejamentos socioeducativos para a valorização da cultura negra em uma ONG de Campo Grande/MS.

Lidiane Souza de Oliveira

Orientador: Paulo Alberto Santos Vieira

Resumo: Devido à grande expansão que a educação social alcançou no Brasil nos últimos 60 anos, compreender os processos de formação desses profissionais e suas práticas pedagógicas tornou-se foco de frequentes discussões no cenário atual. O presente artigo tem como objetivo proporcionar ao leitor, por meio de entrevistas com educadores sociais de Campo Grande, MS, uma reflexão sobre práticas pedagógicas em espaços não escolares no âmbito das relações étnico-raciais, bem como os desdobramentos epistêmicos da lei 10.639/03 e uma breve apresentação acerca do trabalho social no Brasil. Na primeira parte do artigo, apresenta-se a educação social no Brasil, a partir da década de 60; em seguida, por meio de entrevistas, caracteriza-se quem são os profissionais e suas atuações nesse espaço não escolar de educação informal, relacionando suas práticas pedagógicas à lei 10.639/03. Sendo assim, este trabalho tem como relevância a intenção de destacar a importância desses profissionais quanto ao trabalho de valorização da cultura negra com crianças e adolescentes em vulnerabilidade social. Utiliza-se como referencial teórico artigos e livros de autores que estudam sobre educação social, antropologia social, identidade, cultura, educação e história.

Palavras chave: Relações étnico-raciais, educação social, planejamento socioeducativo.

Introdução

O presente artigo aborda a atuação de educadores sociais em instituições não governamentais, por meio de planejamentos socioeducativos para a valorização da cultura negra. Cujo o público alvo desses planejamentos são crianças e adolescentes de 6 a 15 anos em situação de vulnerabilidade social, atendidos em uma ONG¹ de Campo Grande/MS, por meio do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV).

Planejamentos socioeducativos: uma breve abordagem acerca do trabalho com crianças e adolescentes em vulnerabilidade social.

No Brasil, o trabalho social realizado por ONGs (Organizações Não Governamentais) acontece em prol das populações em vulnerabilidade e risco social, pautado principalmente no que tange à educação e aos direitos humanos. A educação social é algo muito recente no Brasil, e, apesar de ser garantida como dever do estado e

¹ Centro Comunitário de Assistência Social, da Legião da Boa Vontade (LBV), fundado na cidade no ano de 1981.

direito do cidadão, houve uma terceirização desse serviço, em que a demanda dos trabalhos sociais de convivência e fortalecimento de vínculos, antes dever do estado, passou a ser executada por associações civis de direito privado.

Com o crescimento do serviço social no Brasil, surgem questionamentos sobre o que é de fato Educação Social. TRILLA (2003) define como educação social aquela que:

1) dirigem-se, prioritariamente, ao desenvolvimento da sociabilidade do sujeito; 2) destina-se de forma privilegiada aos grupos em situação de conflito ou risco social; e 3) têm lugar em contextos ou por meios de educação não formal (TRILLA, 2003 p.28)

A Organização Não Governamental (ONG) em que a pesquisa foi realizada, fundada em janeiro de 1950, trata-se de uma associação civil de direito privado, beneficente, filantrópica, educacional, cultural, filosófica, ecumênica, altruística e sem fins econômicos.

A unidade em que a presente pesquisa foi realizada fica localizada estrategicamente na região sul de Campo Grande/MS, justamente pelos altos índices de pessoas em vulnerabilidade social, atende no contra turno escolar cerca de 200 crianças e adolescentes, inseridos no Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV) e conta com uma equipe multiprofissional composta por assistente social, psicóloga e pedagoga, além de uma gestora social e seis educadores sociais, que estão à frente dos trabalhos, em oficinas.

O planejamento socioeducativo é uma ferramenta de apoio, cujo objetivo é delinear um caminho a ser percorrido pretendendo-se alcançar algo e/ou algum resultado; os educadores sociais da ONG também usam essa ferramenta, no entanto com uma proposta inovadora, utilizando uma nomenclatura diferenciada e com percursos organizados em etapas, que estão correlacionadas entre si. Essa ferramenta facilitadora do Planejamento é denominada “MAPREI” (Método de Aprendizagem por Pesquisa Racional Emocional e Intuitiva), desenvolvida por educadores sociais da ONG em análise. O método é utilizado no desenvolvimento das atividades e segue a linha educacional própria da instituição, criada por José de Paiva Netto (dirigente da instituição em estudo), que é composta por duas nomenclaturas: a “Pedagogia do Afeto” e a “Pedagogia do Cidadão Ecumênico.

A “Pedagogia do Afeto”, aplicada na instituição pelos educadores sociais, destina-se a crianças de até 10 anos, e tem como principal objetivo trabalhar o desenvolvimento integral dos sujeitos, reforçando com essas crianças a importância da afetividade, das relações sociais, do convívio familiar e em grupo. Nas atividades lúdicas das oficinas

oferecidas, essas crianças vão identificando sentimentos e emoções, e conseqüentemente como lidar com cada um deles. Já a “Pedagogia do Cidadão Ecumênico” contempla educandos na faixa etária a partir dos 11 anos e tem como objetivo trabalhar com esses atendidos o seu protagonismo, a sua participação na sociedade civil, incentivando-os à busca de seus direitos e deveres como cidadãos planetários, sempre respeitando o próximo, suas opiniões, suas manifestações religiosas, étnicas, ideológicas e culturais, pela forma de entender o mundo e a bagagem de conhecimento de cada um.

Dentro dos principais aspectos observados na instituição, destaca-se o incentivo à promoção do desenvolvimento integral dos sujeitos no que tange ao seu aspecto biopsicossocial e a necessidade de se oferecer sempre um trabalho de qualidade, pautado no protagonismo infanto-juvenil, que promova desenvolvimento social e cultural, valorizando a cidadania planetária, direito de cada indivíduo. A fim de entender melhor essa ferramenta, vamos conhecer um pouco mais sobre sua proposta e suas etapas.

MAPREI – Método de Aprendizagem por Pesquisa Racional Emocional e Intuitiva.

	Legião da Boa Vontade Diretor-Presidente: José de Paiva Netto Superintendência Social – SSO Centro Comunitário de Assistência Social - CCAS	Planejamento Socioeducativo Programa Criança: Futuro no Presente!			
Unidade:	Campo Grande- MS	Educadora:		Data:	
1. Informações gerais					
Área:	Cidadania Ecumênica	Saber	Arte e Cultura	Música	Oficina/Tema:
Período de:		À		Faixa etária:	
2. Justificativa					
3. Assinale com um "x" o(s) objetivo(s) do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos que mais se enquadra na Oficina					
☐	Desenvolver relações de afetividade, solidariedade e respeito mútuo				
☐	Ampliar o universo informacional				
☐	Ampliar o universo artístico-cultural				
☐	Desenvolver potencialidades, habilidades e talentos				
☐	Estimular/promover a participação social				
☐	Desenvolver competências para a compreensão crítica da realidade social e do mundo contemporâneo para uma formação cidadã				
☐	Potencializar a condição de escolher e decidir				
☐	Resgate de brincadeiras e brinquedos				
4. Objetivos da Oficina					

Figura 1: Planejamento socioeducativo - MAPREI. Parte 01
Fonte: Legião da Boa Vontade (LBV) – Campo Grande/MS.

MAPREI – Método de Aprendizagem por Pesquisa Racional Emocional e Intuitiva.

5. Método de Aprendizagem por Pesquisa Racional, Emocional e Intuitiva - MAPREI	
Etapas	
1 ^o - Identificação do Conteúdo	Grupo e Data
2 ^o - Busca Individual do Conhecimento	Grupo e Data
3 ^o - Socialização do Conhecimento	Grupo e Data
4 ^o - Produção coletiva	Grupo e Data
5 ^o - Apresentação de Resultados	Grupo e Data
6 ^o - Conclusão Individual	Grupo e Data
6. Materiais	☐
7. Referências	

Figura 2: Planejamento socioeducativo - MAPREI. Parte 02
Fonte: Legião da Boa Vontade (LBV) – Campo Grande, MS.

A primeira etapa do MAPREI, denominada “Identificação do conteúdo”, tem como objetivo apresentar o que será trabalhado na oficina a ser desenvolvida. Nesse momento, deve-se pensar em estratégias que despertem nos usuários curiosidade e interesse em participar das atividades. O educador é o protagonista e por meio de suas estratégias tem a possibilidade de estimular os usuários a quererem saber mais sobre o tema.

A segunda etapa é a “Busca individual do conhecimento”, o objetivo é mobilizar atividades de pesquisa. É o momento de conhecer a bagagem de conhecimento de cada indivíduo, uma vez que o MAPREI considera que ninguém é *vazio* de conhecimento, todos possuem experiências e vivências sobre determinados assuntos e, a fim de que um trabalho pedagógico obtenha sucesso e alcance seus objetivos, educadores e educadoras precisam considerar o conhecimento individual de cada educando.

A terceira etapa do método da instituição em análise é a “Socialização do Conhecimento”, que tem como foco, propor construção de conhecimento pelo incentivo do diálogo e da reflexão, sendo o papel do educador o de aprofundar conceitos e sistematizar conteúdo. Consiste no momento de compartilharas informações coletadas na

segunda etapa entre os usuários, com as contribuições do educador social a respeito do assunto.

Depois de toda essa preparação, vem, então, o momento de colocarmos as “*Mãos à Obra*”: é a quarta etapa do método, “Produção coletiva”, é a oportunidade de os usuários colocarem em prática o conhecimento adquirido nas etapas anteriores. Essa etapa proporciona momentos de produções artesanais, de jogos e brincadeiras cooperativas, produções artísticas culturais, confecções manuais, produção de textos, entre outras.

A quinta etapa, a “Apresentação de Resultados” consiste no compartilhamento e na valorização dos trabalhos produzidos, não somente com os grupos de usuários, mas também com as famílias e com a comunidade, sendo os resultados obtidos nas oficinas apresentados pelos próprios usuários.

A “Conclusão individual” é a última etapa do MAPREI e é o momento em que o profissional, por meio dos resultados obtidos com os usuários, auto avalia seu trabalho, numa análise crítica dos aspectos positivos do que ele planejou e das suas oportunidades de melhoria, assim, o educador deve estar aberto a ouvir dos usuários comentários sobre o que eles aprenderam nas oficinas, se gostaram ou não das atividades, e em que se pode avançar. Com isso, se espera que o profissional conclua se atingiu ou não seus objetivos e consiga, assim, pensar em estratégias para planejamentos futuros.

Educadores sociais e práticas pedagógicas: Analisando as percepções desses profissionais que estão à frente do trabalho em oficinas socioeducativas.

Para essa pesquisa, elencou-se três educadoras sociais que atuam na ONG em análise e, para preservar a identidade das entrevistadas, utilizaremos nomes fictícios, escolhidos por elas mesmas.

Identificação da educadora	Idade	Formação	Tempo de atuação na ONG
Dandara	27 anos	Graduanda de Ciências Sociais	6 meses
Rochele	23 anos	Educação Física	1 ano
Samara	41 anos	Graduanda de Serviço Social	2 anos

Fonte: Legião da Boa Vontade (LBV) – Campo Grande, MS.

Com o objetivo de conhecer melhor essas profissionais, iniciamos as entrevistas, pedindo que falassem um pouco sobre elas (como pessoa e como profissional), a fim de que pudéssemos ir mais a fundo quanto às práticas pedagógicas de cada uma, descobrindo como essas práticas estão relacionadas às suas vivências. A primeira a responder foi Dandara: a educadora trabalha há cerca de seis meses na instituição e é atualmente a responsável pela Oficina de Cidadania Ecumênica, única oficina obrigatória do centro comunitário de assistência social (CCAS). Algo que me chamou muito a atenção foi a escolha do nome fictício: quando questionada sobre o porquê da escolha, ela relatou que se trata do nome da esposa de Zumbi de Palmares, uma mulher forte e guerreira, que lutou muito pela liberdade no período Colonial.

Sou mulher negra, feminista, comunicativa e faço questão de trabalhar em algo que me faça de alguma forma, sentir prazer em realizar a minha função, sou direta e de certa maneira dura, quando necessário. (Educadora Dandara)

A segunda a responder foi a educadora Rochele, hoje responsável pela Oficina de Corpo e Movimento, que tem como objetivo trabalhar com os usuários atividades físicas, recreativas e psicomotoras. Quando questionada sobre o motivo da escolha do nome, ela disse que é porque gosta de um seriado de televisão com uma personagem com esse nome, mas não tinha se atentado ao fato dessa personagem ser uma mulher negra.

Sou uma pessoa tranquila, gosto de fazer amizades. Acredito que como profissional ainda tenho um longo caminho a percorrer, pois ainda não me sinto realizada. (Educadora Rochele)

A terceira a responder foi a educadora Samara, que nos disse:

Tenho 41 anos, sou casada e tenho uma filha, não sou muito de sair, mas gosto de ir ao cinema e comer pizza. Como profissional, tento sempre manter a calma, como educadora social procuro sempre mudar a minha forma de conversar com as crianças e adolescentes, e sempre tenho um bom relacionamento com meus colegas de trabalho. (Educadora Samara)

Apesar de serem profissionais que têm suas práticas pedagógicas pautadas em diretrizes operacionais da instituição, cada uma delas está inserida em um contexto sociocultural, o que gera suas vivências e refletem diretamente no seu modo de ver, entender e de se perceber no mundo. Mediante ao posicionamento de FREIRE (1989), pode-se considerar totalmente fidedigno que as vivências dessas educadoras influenciem significativamente suas práticas, pois:

O mito da neutralidade da educação, que leva à negação da natureza política do processo educativo e a tomá-lo como um que fazer puro, em

que nos engajamos a serviço da humanidade entendida como uma abstração, é o ponto de partida para compreendermos as diferenças fundamentais entre uma prática ingênua, uma prática "astuta" e outra crítica. Isto significa ser impossível, de um lado, como já salientei, uma educação neutra, que se diga a serviço da humanidade, dos seres humanos em geral; de outro, uma prática política esvaziada de significação educativa. (FREIRE, 1989, p. 15)

Por isso, faz-se tão importante compreender a visão de mundo de cada uma e como isso reflete em suas práticas. Quando questionadas sobre o que significa ser um educador social e qual a importância da formação inicial e continuada desses profissionais, as respostas foram:

O educador social é um profissional que utiliza oficinas de forma lúdica para trabalhar com as crianças e adolescentes a autoestima, interação social, o empoderamento de cada um, o trabalho de um educador social é muito importante pelo papel que ele desempenha, e a sua formação é muito importante, porque o público alvo que ele trabalha, que é o indivíduo em vulnerabilidade, é muito grande e quanto mais aprender sobre isso melhor é o resultado. (Educadora Samara)

O trabalho do educador social é fundamental para a transformação da realidade de muitas crianças e adolescentes. Não tenho formação e nenhum curso na área, sinto essa falha no resultado final do meu trabalho, busco alguns cursos online e formas de melhorar as minhas estratégias. (Educadora Dandara)

Já para Rochele:

Um educador social é o "profissional" responsável por formar e fortalecer vínculos afetivos. Acredito que sua relevância se dá devido às demandas de lares desestruturados afetivamente que chegam ao CCAS. Quanto à formação do educador é importante, por conta do que passamos no dia a dia, dessa forma seria mais fácil de lidar com algumas situações que enfrentamos. (Educadora Rochele)

Para entender melhor o que são as oficinas que realizam, foi perguntado às educadoras quais eram as percepções delas a respeito das oficinas socioeducativas. A educadora Rochele afirma que são atividades que trabalham o cidadão para o convívio em sociedade. Suas colegas dizem que:

Atividades socioeducativas são atividades planejadas com o intuito de trabalhar a socialização, usando como ferramenta o lúdico e informações que serão relevantes para quem as receba, cabe em vários aspectos tanto nas atividades dentro de sala como esportivas, culinárias e etc. (Educadora Dandara)

São atividades complementares para crianças e adolescentes em situações de risco pessoal e social, que os ajudam a interagir e não ficar na rua. (Educadora Samara)

Durante realização da pesquisa, algo que ficou muito claro foi a importância desses profissionais dentro desses espaços não escolares, e quando questionadas sobre o que consideravam essencial no momento de elaboração do planejamento, Dandara disse que era preciso ter em mente que o foco é incentivar a socialização dos usuários e o fortalecimento de vínculos. Já Samara diz pensar nas crianças e adolescentes, busca pesquisar para saber se eles vão gostar ou não da sua atividade. A última a responder foi Rochele e, segundo ela:

Os temas são escolhidos conforme a demanda que surge no CCAS. O público alvo é de crianças e adolescentes, de 06 a 15 anos. São oficinas com 2 meses de duração, os critérios são desenvolver relações de afetividade, solidariedade e respeito mútuo, estimular e promover a participação social, e um fator muito importante na elaboração do MAPREI é o tempo disponibilizado ao educador para realizar pesquisas. (Educadora Rochele)

Racismo preconceito e discriminação: Planejamento socioeducativos e a Lei 10639/03.

Ao abordarmos o racismo contra a pessoa negra no Brasil, muitas são as questões a serem ponderadas, faz se necessário uma imersão ao contexto histórico da população negra, desde Brasil colônia até os dias atuais, além de muita sensibilidade ao tratar sobre o assunto e principalmente, muita responsabilidade com a prática docente no que tange a desconstrução de pré-conceitos relacionado a cor de pele.

Abdias do Nascimento (1978), em sua obra “O genocídio do Negro Brasileiro, um processo de racismo mascarado no Brasil”, nos alerta quanto a recusa do direito de existência inferido à população negra, por meio de tentativas de desmembramento de suas entidades sociais, culturais, religiosas, políticas e linguísticas e dentre os principais aspectos apresentados na obra, destaca-se a aceitação do “negro com alma de branco”, e o estupro da mulher negra. Nascimento (1978) enfatiza:

Para a solução deste grande problema – a ameaça da “mancha negra” – já vimos que um dos recursos utilizados foi o estupro da mulher negra pelos brancos da sociedade dominante, originando os produtos de sangue misto: o mulato, o pardo, o moreno, o pardavasco, o homem-de-côr, o fusco, mencionados anteriormente. O crime de violação cometido contra a mulher negra pelo homem branco continuou como prática normal através das gerações. (NASCIMENTO, 1978, p. 69)

Tais concepções foram, segundo o autor, resultados de tentativas do processo de embranquecimento da população negra, e infelizmente hoje essas tentativas ainda se

fazem presentes, pois, considerando que somos um país cuja maioria da sua população é composta por pretos e pardos, políticas de ações afirmativas como a Lei 10.639/03 deveriam ser entendidas como ações de reparação da humanidade, no entanto, o que observamos no dia a dia é um racismo velado, aquele silencioso, que se manifesta cruelmente nas frases de efeitos, nas “brincadeiras”, nos olhares, criando barreiras e agindo por meio de tentativas de desmobilização da população negra.

A miscigenação no Brasil se deu como uma tentativa de clarear a pele negra, porém, tais teorias não colocaram os mestiços em condição de igualdade com o branco, os oriundos dessa mestiçagem recebiam o mesmo (des)prestígio social que o negro, tanto que essa mestiçagem só acontecia na classe trabalhadora e, era entendida como uma maneira de apagar, junto com a cor de pele, elementos culturais de matrizes africanas.

A luta por igualdade é um grande marco na trajetória do negro brasileiro, trata-se de uma história repleta de luta e resistência, que se inicia com a escravidão, passando pelas dificuldades pós abolição, até os dias atuais, e diferente do que observamos, principalmente nos currículos escolares, nem só de opressão vivia o povo negro, a história desses povos é marcada sim por muita luta e muita resistência, mas também, por muitas conquistas, tinham suas organizações, produções culturais, artísticas e científicas.

No Brasil, a educação para as relações étnico-raciais é garantida pela Lei 10.639 de 09 de janeiro de 2003, cujo principal objetivo é tornar o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana obrigatório nas instituições de ensino formal, públicas e particulares. Tal conquista é resultado de muita mobilização e luta da população negra e de movimentos sociais, é uma tentativa de romper com o eurocentrismo enraizado na educação brasileira, que insiste em apresentar o negro e sua história na perspectiva escravocrata. Acontece, infelizmente, uma limitação desse trabalho a datas comemorativas, e em muitas situações com uma abordagem estereotipada e folclorizada.

Portanto, enfrentar uma educação com abordagens racistas é um grande desafio, por conseguinte, faz se necessário que estejamos providos de conhecimento, pois:

Para a educação das crianças negras, aprender desde cedo a história de personalidades negras como Zumbi e apresentar a resistência negra, contribui para que cresçam com uma imagem muito mais positiva de si mesma e dos seus ancestrais. A construção dessa imagem positiva é importante para todos nós, negros e brancos, pois poderá nos ajudar a compreender, aceitar, reconhecer e respeitar as diferenças. (MUNANGA e GOMES, 2006 p. 132)

Na ONG lócus desse estudo, a pluralidade cultural é imensa, cada uma das entrevistadas tem suas abordagens, suas crenças e singularidades, desde o seu posicionamento como educadora até mesmo nas suas relações dentro do CCAS com os usuários. Entendendo essas diferentes linguagens e pensamentos e a importância dessa diversidade dentro desses espaços, as questionei sobre o que entendem por Racismo, Preconceito e Discriminação e se esses são temas que apresentam demanda, por parte dos usuários, as respostas foram:

Racismo é onde uma raça se acha superior a outra que para mim está ligada ao preconceito e discriminação. Preconceito é uma opinião hostil, que as vezes é até passada de pais para filho, de geração para geração, preconceito por uma determinada religião, classe social etc. Discriminação é quando tem uma atitude preconceituosa, quando não aceita alguém por sua orientação sexual, negro ou indígena, nacionalidade, situação econômica e outros aspectos e acredito sim que seja uma demanda a ser trabalhada no CCAS. (Educadora Samara)

Racismo é o ato de dividir pessoas por raça, nossa cultura contribui para que isso aconteça contra pessoas negras. Preconceito é definir uma opinião sobre algo ou alguém sem nem ao menos entender do que se trata, que gera a discriminação do indivíduo. Esses temas devem ser trabalhados nos centros comunitários, principalmente pelo fato dos atendidos em sua grande maioria sofrer racismo e por falta de entendimento de suas raízes praticarem o racismo. (Educadora Dandara)

Preconceito racismo e discriminação é quando algum indivíduo age de forma desrespeitosa com outra pessoa, e acredito sim que esse tema deva ser trabalhado no Centro comunitário. (Educadora Rochele)

Nesse sentido Guimarães (2005), complementa dizendo que:

O racismo se perpetua por meio de restrições fatuais da cidadania, por meio da imposição de distâncias sociais criadas por diferenças enormes de renda e de educação, por meio de desigualdades sociais que separam brancos de negros, ricos de pobres, nordestinos de sulistas. (GUIMARÃES, 2005 p.59)

Contudo, perguntei às educadoras se elas já tinham presenciado alguma situação de racismo dentro do centro comunitário e quais as providências que foram tomadas a respeito.

Já presenciei situação de racismo na instituição, foi muito triste, foi feita uma roda de conversa com o grupo para falar sobre o assunto e uma conversa com a criança que sofreu o racismo. (Educadora Samara)

Sim, nem sempre é possível trabalhar profundamente temas como racismo dentro da instituição, mas em todos os casos que presenciei consegui de alguma maneira sensibilizá-los para o nosso contexto histórico, social e cultural. (Educadora Dandara)

Sim, diversas vezes. Geralmente é feito uma roda de conversa com os usuários, e também tem casos que são feitos grupos de intervenção com a psicóloga. (Educadora Rochele)

Durante o período de observações, pude presenciar, no início das atividades dos usuários, que as educadoras realizam um momento de Prece. A participação das crianças/adolescentes é voluntária, nenhum usuário é forçado a se manifestar, e todos aqueles que quiserem têm garantido esse direito. Geralmente as educadoras trazem para esse momento reflexões, sobre textos e fábulas que abordam valores como: amizade, respeito ao próximo, trabalho em equipe e a importância de lutar pelo que se acredita. A proposta é que nesses momentos todos sintonizem seus pensamentos em coisas positivas, e sempre enfatizam que esse momento deve ser realizado de acordo com a vontade de cada indivíduo.

O momento da prece é um momento muito livre, onde todos os usuários podem trazer alguma prece, podem trazer algum pensamento, apesar de eles não se manifestarem muito nesse sentido, os educadores deixam sempre claro que qualquer um, de qualquer religião, pode trazer sua prece, e ninguém é obrigado a fazer, mas como é um momento que está todo mundo junto, a gente sempre estimula que seja um momento de silêncio, respeito e calma, para que o *outro* tenha esse momento respeitado. (Educadora Dandara)

Quando questionadas sobre terem conhecimento de alguma criança/adolescente praticante de religiões de matrizes africanas, e se nos momentos de prece se manifestavam, a educadora que Dandara, afirmou conhecer uma atendida que é Umbandista, porém, nos momentos de preces ela não se manifestava. E ao perguntar sobre quais eram suas percepções sobre esse silenciamento, as educadoras Rochele e Samara afirmaram que acreditavam que a usuária tinha receio de sofrer preconceito, Dandara complementou:

Acredito que esse silenciamento é pelo fato de ela já ter sofrido preconceito por ser da religião, por isso, ela não se manifesta. Ela já reclamou, já procurou a equipe de referência e os educadores explicando que sofre preconceito, então, acho que isso a inibiu, impedindo sua liberdade de expressar sua religiosidade no momento que é feito para isso. (Educadora Dandara)

Ao questionar as educadoras, sobre a Lei 10.639/03, a intenção foi saber se elas acreditavam que a lei assegurava sua aplicabilidade em espaços não escolares e se as práticas pedagógicas da instituição contemplavam o que se pede na referida lei. A educadora Rochele afirmou não conhecer a lei; em seguida, tivemos a resposta das educadoras Dandara e Samara:

Sim. Pelo que conheço a lei é específica para escolas pública e privadas, direcionando o ensino de cultura afro-brasileira e africana para os ensinos médio e fundamental. Porém, na instituição onde atuo os temas vem sendo expostos na cartilha pré-estabelecida que temos de cumprir. Acredito que a ONG contempla sim o que se pede na lei, alguns temas são pré-estabelecidos e dão margem para o educador elaborar projetos relacionados à cultura afro-brasileira. (Educatória Dandara)

Não conhecia a Lei, até a pesquisa iniciar, mas consegui me inteirar sobre o assunto, e acredito que esse tema pode ser trabalhado em espaços não escolares. E, quanto as práticas da ONG contemplarem o que se pede na lei, não sei informar. (Educatória Samara)

Como fora citado pela educadora Dandara, a Lei 10.639/03 realmente não contempla as instituições de educação informal, apenas escolas públicas e privadas. Já a respeito da “cartilha” com os temas pré-estabelecidos a serem trabalhados no Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos, trata-se de uma lista, por área de atuação, que aponta aos educadores quais as maiores demandas desse público que podem ser trabalhadas em oficinas. É um documento oficial da instituição, baseado em pesquisas de atendimentos sociais, ou seja, não se limita apenas à unidade de Campo Grande/MS, abrange o trabalho com gestantes, adultos e idosos, realizados nas demais unidades da ONG, espalhadas pelo Brasil. Nesse documento, a Valorização da Cultura Negra é apresentada como tema transversal, que deve ser trabalhado de forma recorrente ao longo do ano e de acordo com a demanda dos centros comunitários.

ATIVIDADES CONVENCIONADAS DAS OFICINAS DE: CIDADANIA ECUMÊNICA, CORPO E MOVIMENTO E SABER.

Atividade	Categoria	Frequência
Violência contra o idoso	Cidadania Ecumênica	Recorrente
Violência doméstica	Cidadania Ecumênica	Recorrente
Viver saudável	Cidadania Ecumênica	Recorrente
Exercícios aeróbicos	Corpo e Movimento	Recorrente
Exercícios físicos	Corpo e Movimento	Recorrente
Gincanas	Corpo e Movimento	Recorrente
Ioga	Corpo e Movimento	Recorrente
Jogos Cooperativos	Corpo e Movimento	Recorrente
Jogos Populares	Corpo e Movimento	Recorrente
Jogos/brincadeiras Recreativas	Corpo e Movimento	Recorrente

Figura 5: Relação de atividades convencionadas para o novo sistema social / 2018 - Parte 03
 Fonte: Legião da Boa Vontade (LBV) – Campo Grande/MS.

ATIVIDADES CONVENCIONADAS DAS OFICINAS DE: CIDADANIA ECUMÊNICA, CORPO E MOVIMENTO E SABER.

Atividade	Categoria	Frequência
Educação para o Consumo Consciente e Sustentabilidade	Cidadania Ecumênica	Recorrente
Envelhecimento da população e novos desafios	Cidadania Ecumênica	Recorrente
Estatuto da Criança e do Adolescente	Cidadania Ecumênica	Recorrente
Estatuto da Juventude	Cidadania Ecumênica	Recorrente
Estatuto do Idoso	Cidadania Ecumênica	Recorrente
Estruturas Familiares	Cidadania Ecumênica	Recorrente
Ética	Cidadania Ecumênica	Recorrente
Ética e Relações no Trabalho	Cidadania Ecumênica	Recorrente
Identidade	Cidadania Ecumênica	Recorrente
Igualdade de Gênero	Cidadania Ecumênica	Recorrente
Independência e autoestima	Cidadania Ecumênica	Recorrente
Legislação Trabalhista e Previdenciária	Cidadania Ecumênica	Recorrente
Lei da Aprendizagem	Cidadania Ecumênica	Recorrente
Marketing Pessoal	Cidadania Ecumênica	Recorrente
Normas de convivência	Cidadania Ecumênica	Recorrente
Partos	Cidadania Ecumênica	Recorrente
Prevenção ao Suicídio e a Defesa da Vida	Cidadania Ecumênica	Recorrente
Prevenção ao Uso de Drogas	Cidadania Ecumênica	Recorrente
Prevenção de queda	Cidadania Ecumênica	Recorrente
Processo Seletivo	Cidadania Ecumênica	Recorrente
Projetos de Vida	Cidadania Ecumênica	Recorrente
Racismo e Preconceitos	Cidadania Ecumênica	Recorrente
Relacionamento Interpessoal	Cidadania Ecumênica	Recorrente
Relações de Gênero no Mundo do Trabalho	Cidadania Ecumênica	Recorrente
Respeito à diversidade	Cidadania Ecumênica	Recorrente
Respeito e solidariedade	Cidadania Ecumênica	Recorrente
Saúde	Cidadania Ecumênica	Recorrente
Sexualidade	Cidadania Ecumênica	Recorrente
Tema transversal-Abuso e exploração sexual de criança e adolescente	Cidadania Ecumênica	Recorrente
Tema transversal-Desafios da vida	Cidadania Ecumênica	Recorrente
Tema transversal-Desafios e conquistas da pessoa com deficiência	Cidadania Ecumênica	Recorrente
Tema transversal-Direitos do Consumidor (CE)	Cidadania Ecumênica	Recorrente
Tema transversal-Educação no Trânsito	Cidadania Ecumênica	Recorrente
Tema transversal-Natal (CE)	Cidadania Ecumênica	Recorrente
Tema transversal-Páscoa (CE)	Cidadania Ecumênica	Recorrente
Tema transversal-Prevenção ao uso de drogas	Cidadania Ecumênica	Recorrente
Tema transversal-Valorização da Cultura Negra	Cidadania Ecumênica	Recorrente
Transtornos afetivos e comportamentais do idoso	Cidadania Ecumênica	Recorrente
Uso seguro da internet	Cidadania Ecumênica	Recorrente
Valorização da vida	Cidadania Ecumênica	Recorrente

Figura 3: Relação de atividades convencionadas para o novo sistema social / 2018 - Parte 01
 Fonte: Legião da Boa Vontade (LBV) – Campo Grande/MS.

ATIVIDADES CONVENCIONADAS DAS OFICINAS DE: CIDADANIA ECUMÊNICA, CORPO E MOVIMENTO E SABER.

A Evolução da História do Trabalho e sua Humanização	Cidadania Ecumênica	Recorrente
Alimentação Saudável e cuidados com o corpo	Cidadania Ecumênica	Recorrente
Bullying	Cidadania Ecumênica	Recorrente
Cidadania	Cidadania Ecumênica	Recorrente
Combate ao Abuso e à Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes	Cidadania Ecumênica	Recorrente
Combate ao Trabalho Infantil	Cidadania Ecumênica	Recorrente
Como superar crises (depressão, tristeza)	Cidadania Ecumênica	Recorrente
Comportamento, relações sociais e costumes	Cidadania Ecumênica	Recorrente
Comunicação no Ambiente de Trabalho	Cidadania Ecumênica	Recorrente
Construção da Identidade	Cidadania Ecumênica	Recorrente
Convivência e vínculos	Cidadania Ecumênica	Recorrente
Cultura de Paz	Cidadania Ecumênica	Recorrente
Desafios e Conquistas da Pessoa com Deficiência	Cidadania Ecumênica	Recorrente
Desigualdade Social	Cidadania Ecumênica	Recorrente
Direitos da Mulher gestante	Cidadania Ecumênica	Recorrente
Direitos das minorias na sociedade	Cidadania Ecumênica	Recorrente
Direitos e deveres	Cidadania Ecumênica	Recorrente
Direitos e deveres da pessoa idosa	Cidadania Ecumênica	Recorrente
Direitos Humanos e Sociais	Cidadania Ecumênica	Recorrente
Diversidade Cultural Brasileira	Cidadania Ecumênica	Recorrente
Diversos tipos de violência	Cidadania Ecumênica	Recorrente
Economia Solidária	Cidadania Ecumênica	Recorrente
Educação Ambiental	Cidadania Ecumênica	Recorrente

Figura 4: Relação de atividades convencionadas para o novo sistema social / 2018 - Parte 02
 Fonte: Legião da Boa Vontade (LBV) – Campo Grande, MS.

ATIVIDADES CONVENCIONADAS DAS OFICINAS DE: CIDADANIA ECUMÊNICA, CORPO E MOVIMENTO E SABER.

Alfabetização de Adultos	Saber	Recorrente
Arquitetura urbana e suas formas	Saber	Recorrente
Atualidades	Saber	Recorrente
Cartoons	Saber	Recorrente
Charges	Saber	Recorrente
Comunicação	Saber	Recorrente
Contos	Saber	Recorrente
Educação Financeira	Saber	Recorrente
Fábulas	Saber	Recorrente
Gibi	Saber	Recorrente
Histórias em quadrinhos	Saber	Recorrente
Inclusão Digital	Saber	Recorrente
Inglês	Saber	Recorrente
Jogos de Tabuleiro	Saber	Recorrente
Jogos e brincadeiras de lógica	Saber	Recorrente
Jornal	Saber	Recorrente
Libras	Saber	Recorrente
Línguas estrangeiras	Saber	Recorrente
Literatura de Cordel	Saber	Recorrente
Literatura infanto-juvenil	Saber	Recorrente

Atualizada em 09-03-2018

Figura 6: Relação de atividades convencionadas para o novo sistema social / 2018 - Parte 04
Fonte: Legião da Boa Vontade (LBV) – Campo Grande/MS.

“Negro Sim, protagonista também”: Uma experiência em oficinas socioeducativas para a valorização da cultura negra em espaços não escolares.

Partindo do pressuposto de que:

Ser negro é um fato do qual os indivíduos não podem fugir. Está em sua história, nos traços característicos da pele, na fisionomia. A formação de sua identidade deve ser, entretanto, construída tendo por base um corpo negro no mundo Branco. (MARQUES e CALDERONI, 2016 p. 306)

Iniciei a investigação a respeito de como se dava o trabalho pedagógico, em oficinas socioeducativas, para a valorização da cultura negra, em espaços não escolares de educação informal. E durante o período de 12 a 28 de novembro de 2018 acompanhei a aplicação do planejamento socioeducativo “Negro Sim, protagonista também” elaborado pela educadora Dandara e aplicado com os usuários de 11 a 15 anos de idade, matriculados no Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV).

Primeiramente, é de suma importância pontuar a respeito do posicionamento político da profissional, ela se autodeclara mulher negra e feminista, e ao assumir um posicionamento em relação ao trabalho para a valorização da cultura negra, a educadora rompe com esse paradigma de neutralidade. É possível compreender seu local de fala a partir de sua justificativa e objetivos descritos no planejamento socioeducativo.

Com base nas observações diárias, dos determinados grupos, é possível notar a necessidade de ampliar os horizontes culturais, principalmente em relação às origens das desigualdades raciais em que está assolada nossa sociedade. Com a chegada do dia da consciência negra, que existe para nos lembrar da importância da reflexão em relação à luta do povo negro, trazer os usuários para mais próximos do mundo dos questionamentos dos padrões de desequilíbrios sociais que o povo negro sofre é essencial para a formação do cidadão. O planejamento tem como objetivo ressaltar a importância do protagonismo negro, sensibilizar sobre a desigualdade que ainda assola a comunidade negra e exaltar as influências negras em nossa cultura. (Educadora Dandara, justificativa e objetivos de seu planejamento socioeducativo/MAPREI)

A educadora iniciou o planejamento passando o filme “Pantera Negra”, que além do protagonismo negro presente em 98% de seu elenco, também faz uma alusão a tribos africanas e suas culturas. Algo muito interessante no filme, que também se faz presente na cultura africana, é a importância da figura feminina, as mulheres são representadas como figuras fortes e guerreiras, rompendo com a representação, eurocêntrica, machista e romantizada, da mulher como um ser frágil e indefeso.

Depois de todos assistirem ao filme, a educadora contemplou por meio de roda de conversa, uma pesquisa a respeito dos conhecimentos prévios de cada indivíduo sobre as influências africanas no nosso dia a dia. Foi um momento de conhecimento, troca, e principalmente de enriquecimento, pois a profissional agregou a essa atividade estatísticas da população negra brasileira e fez questionamentos provocativos a respeito de políticas públicas de ações afirmativas, com o intuito de conhecer o que cada um tinha de conhecimento prévio a respeito do assunto. Todas as respostas foram registradas em um painel para que, ao final do planejamento, os usuários pudessem analisar suas respostas como um comparativo entre o “antes e o depois” das intervenções pedagógicas.

Participei ativamente na oficina, a convite da educadora, na quarta etapa do planejamento “Produção coletiva”: a atividade em questão propôs aos usuários uma encenação de uma sessão extraordinária da câmara dos deputados, em que os usuários (representando os deputados federais) tinham a missão de escutar a proposta e os argumentos da deputada “Dandara” (encenada pela educadora Dandara) a respeito de um projeto de lei, que sugeria a implantação de cotas raciais na USP – Universidade de São Paulo. A minha contribuição com a atividade se deu pela encenação de uma deputada, cujo nome era “Jane Baboseira”, a personagem se tratava de uma parlamentar totalmente contra o projeto de lei da deputada “Dandara”, e usava argumentos extremamente racistas

para sustentar sua opinião. O mais curioso nessa minha participação, foi que a todo momento eu usava de afirmações já ditas em rede nacional por pessoas públicas, porém, em nenhum momento os adolescentes fizeram essa associação, usei de afirmações rotineiras na vida de uma pessoa negra, e essas palavras causavam muita revolta naqueles adolescentes, frases como: ‘Eu sou contra esse projeto de lei, pois no Brasil não tem negro, tem uma “misturadeira” de pessoas que acabou originando uns mais “queimadinhos” do que os outros’, “Eu acho um absurdo um negro entrar na universidade, quem vai fazer os trabalhos domésticos? Quem vai fazer os trabalhos braçais? ”, “Tem negros muito preguiçosos por aí em comunidades quilombolas, uns pesam quase uma arroba”, “Meu filho não casaria com uma mulher negra, pois, eu dei educação a ele”.

A cada frase, os adolescentes reagem, mostrando reprovação, indignação e descontentamento, alguns chegaram até a perguntar a educadora Dandara se aquilo era sério, se realmente estava acontecendo. Muitos me diziam que eu não poderia falar daquele jeito, que era totalmente inaceitável, e nesses instantes, pude sentir na pele a importância desse trabalho de valorização da cultura negra. Participar dessa atividade com um grupo de 25 adolescentes (em que 20 deles são pretos e pardos) assumindo essa postura de enfrentamento, foi um momento muito gratificante e ao mesmo tempo muito desafiador.

A educadora prosseguiu, finalizando a atividade com uma reflexão sobre tudo que fora dito, e sobre a importância de cada um nessa luta por igualdade racial. Em seguida foi proporcionado aos adolescentes a oportunidade de confeccionarem acessórios africanos usados pelos personagens do filme “Pantera Negra”, e depois, no dia da apresentação de resultados, os adolescentes desfilaram para seus responsáveis, usando essas peças confeccionadas por eles mesmos.

Ao final do projeto, a educadora fez um balanço geral de tudo que fora trabalhado, avaliou o que foi internalizado pelos adolescentes, quais foram os aspectos positivos e quais as oportunidades de melhoria.

Foi nítido o encantamento dos usuários em relação ao filme, os usuários relataram que não conheciam um super-herói negro e todos os usuários assistiram e participaram sobre os comentários e apontamentos do filme. Os usuários se surpreenderam com o painel em que eles haviam respondido algumas questões no início do projeto e algumas das perguntas foram feitas novamente, e as respostas em geral foram diferentes da primeira vez. (Educadora Dandara)

Método de Aprendizagem por Pesquisa Racional Emocional e Intuitiva. Tema: “Negro Sim, protagonista também”. Faixa etária de 10 a 15 anos.

Legião da Boa Vontade Diretor-Presidente: José de Paiva Netto Superintendência Social – SSO Centro Comunitário de Assistência Social - CCAS		Planejamento Socioeducativo Programa Criança: Futuro no Presente!			
Unidade:	Campo Grande/MS	Educadora:	“Dandara”	Data:	31/10/2018
1. Informações gerais					
Área:	Cidadania Ecumênica ☒ Saber ☐ Arte e Cultura ☐ Música ☐	Oficina/Tema:	Tema transversal – Valorização da cultura negra.		
Período de:	12/11/2018 à 28/11/2018	a:	“Negro sim, protagonista também”.		
Faixa etária: 10 a 15 anos.					
2. Justificativa					
Com base nas observações diárias dos determinados grupos, é possível notar a necessidade de ampliar os horizontes culturais, principalmente em relação às origens das desigualdades raciais em que está assolada nossa sociedade. Com a chegada do dia da consciência negra, que existe para nos lembrar da importância da reflexão em relação à luta do povo negro, trazer os usuários para mais próximos do mundo dos questionamentos dos padrões de desequilíbrios sociais que o povo negro sofre é essencial para a formação do cidadão.					
3. Assinale com um “x” o(s) objetivo(s) do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos que mais se enquadra na Oficina					
☒	Desenvolver relações de afetividade, solidariedade e respeito mútuo				
☒	Ampliar o universo informacional				
☒	Ampliar o universo artístico-cultural				
☒	Desenvolver potencialidades, habilidades e talentos				
☒	Estimular/promover a participação social				
☒	Desenvolver competências para a compreensão crítica da realidade social e do mundo contemporâneo para uma formação cidadã				
☒	Potencializar a condição de escolher e decidir				
☐	Resgate de brincadeiras e brinquedos				

Figura 07: Planejamento socioeducativo – MAPREI “Negro Sim, protagonista também”. Parte 01
 Fonte: Legião da Boa Vontade (LBV) – Campo Grande/MS.

Método de Aprendizagem por Pesquisa Racional Emocional e Intuitiva. Tema: “Negro Sim, protagonista também”. Faixa etária de 10 a 15 anos.

4. Objetivos da Oficina	
☒ Ressaltar a importância do protagonismo negro ☒ Sensibilizar sobre a desigualdade que ainda assola a comunidade negra ☒ Exaltar as influências negras em nossa cultura.	
5. Método de Aprendizagem por Pesquisa Racional, Emocional e Intuitiva - MAPREI	
Etapas	
1ª - Identificação do Conteúdo	Grupo e Data
Será exibido aos usuários o filme PANTERA NEGRA que a sinopse é: Após a morte do rei T'Chaka (John Kani), o príncipe T'Challa (Chadwick Boseman) retorna a Wakanda para a cerimônia de coroação. Nela são reunidas as cinco tribos que compõem o reino, sendo que uma delas, os Jabari, não apoia o atual governo. T'Challa logo recebe o apoio de Okoye (Danai Gurira), a chefe da guarda de Wakanda, da irmã Shuri (Letitia Wright), que coordena a área tecnológica do reino, e também de Nakia (Lupita Nyong'o), a grande paixão do atual Pantera Negra, que não quer se tornar rainha. Juntos, eles estão à procura de Ulysses Klaue (Andy Serkis), que roubou de Wakanda um punhado de vibranium, alguns anos atrás. Com elenco e produção do filme formado por 98% de pessoas negras, o filme Pantera Negra trará aos usuários uma percepção de protagonismo negro, além disso, todas as tribos ilustradas no filme são baseadas desde o figurino, língua hábitos até mesmo gestos em sociedades espalhadas pelos países da África.	1ª PARTE GRUPOS: D, H DIA 12/11 2ª PARTE GRUPOS: D, H DIA 14/11 1ª PARTE GRUPOS: C, G DIA 14/11 2ª PARTE GRUPOS: C, G DIA 16/11
2ª - Busca Individual do Conhecimento	Grupo e Data
Após a exibição da segunda parte do filme, faremos uma roda de conversa na qual os usuários serão questionados sobre seu conhecimento em relação a influência Africana nos costumes, comidas e cultura Brasileira em geral. Neste ponto o objetivo é exercitar a expressão de cada usuário por meio da fala além da compreensão sobre a perspectiva dos seus colegas. Ao momento em que se tem vários usuários compartilhando percepções e dúvidas, melhor o aprendizado se torna, pois da mesma forma que eu posso mostrar coisas novas, estas também podem me mostrar novos aprendizados, compartilhar conhecimento é essencial. Com isso serão estabelecidas perguntas aos usuários sobre temas relacionados a cultura negra como por exemplo: Você é a favor ou contra as cotas raciais?, negros e brancos são assistidos da mesma forma pelo estado? Entre outras.	GRUPOS: D, H DIA 14/11 GRUPOS: C, G DIA 16/11
3ª - Socialização do Conhecimento	Grupo e Data
Serão dispostos, aos usuários, dados que sobre a população negra, mostrando que é maioria em nossa sociedade, em seguida dados relatando a desigualdade quando se trata em espaços sociais ocupados por pessoas negras. Bem como questionar os usuários sobre suas percepções a respeito deste ponto, será proposto um ambiente de discussões onde todos os indivíduos possam debater e apresentar suas perspectivas do assunto, os dados serão complementos para respondermos os questionamentos que surgiram na segunda etapa.	GRUPOS: D, H DIA 19/11 GRUPOS: C, G DIA 21/11

Figura 08: Planejamento socioeducativo – MAPREI “Negro Sim, protagonista também”. Parte 02
 Fonte: Legião da Boa Vontade (LBV) – Campo Grande, MS.

Método de Aprendizagem por Pesquisa Racional Emocional e Intuitiva. Tema: “Negro Sim, protagonista também”. Faixa etária de 10 a 15 anos.

<p>4ª - Produção coletiva</p> <p>Na parte da quarta etapa, os usuários serão estimulados a participarem de uma sessão extraordinária da câmara dos deputados, onde eles serão os deputados e votarão um projeto de lei proposto por mim (a implantação de cotas raciais para os cursos da USP – Universidade de São Paulo, cada um dos deputados terá dois minutos para dizer seu voto e argumentar sobre, estimulando assim o envolvimento dos usuários. Na ocasião teremos uma convidada especial, que se manifestará contra o projeto de Lei, usando argumentos racistas para sustentar seu posicionamento.</p> <p>Na segunda parte da quarta etapa: Após a exibição do filme “PANTERA NEGRA”, será solicitado que cada usuário escolha um elemento de cada tribo que possa ser reproduzido (vestimentas, arranjos, jóias, pinturas). Nessa etapa serão disponibilizados vários tipos de materiais para os usuários produzirem, como: EVA, papelão, garrafas PET, tintas, cordões, fitas.</p>	<p>Grupo e Data</p> <p>1ª PARTE GRUPOS: D, H DIA 21/11 1ª PARTE GRUPOS C, G DIA 23/11</p> <p>2ª PARTE GRUPOS: D, H DIA 26/11 2ª PARTE GRUPOS: C, G DIA 28/11</p>
<p>5ª - Apresentação de Resultados</p> <p>Tudo que for produzido pelos usuários, será exibido pelos próprios, através de um desfile no dia do “Encontro de Famílias” na instituição. Os usuários poderão apresentar o acessório e explicar a origem de cada um.</p>	<p>Grupo e Data</p> <p>GRUPOS: C, D, G, H DIA 26/11</p>
<p>6ª - Conclusão Individual</p> <p>Uma das oficinas será dedicada para que cada usuário apresente seu trabalho e explique para seus colegas o porque o escolheu. Será discutida a importância da identidade negra, resgatando elementos das raízes Africanas e mostrando como elementos artísticos (moda, arte, música, dança) presentes na nossa cultura partiram da proximidade cultural, além de ressaltar a riqueza da cultura Africana. Nós somos partes da África. As perguntas feitas na segunda etapa serão refeitas, e juntos analisaremos as respostas e os percentuais, o que se manteve o que mudou, todas as apresentações serão feitas pelos próprios usuários, onde o educador será mero mediador.</p>	<p>Grupo e Data</p> <p>GRUPOS: C, D, G, H 10/12 a 13/12</p>
<p>6. Materiais</p> <p>Papel EVA; Tintas de cores diversas; Barbante e fitas; TNT, cores sortidas; Cola para TNT; Cola para EVA.</p>	
<p>7. Referências</p> <p>http://www.adorocinema.com/Filmes/Filme-130336/ http://revistagalileu.globo.com/Cultura/noticia/2019/01/pantera-negra-e-indicado-ao-oscar-de-melhor-filme.html http://www.adorocinema.com/noticias/filmes/noticia-127362/ https://jornal.usp.br/artigos/o-sistema-de-cotas-etno-raciais-adotado-pela-usp/ https://www.faecpr.edu.br/site/portal_afro_brasileira/2_Vl.php https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/18282-populacao-chega-a-205-5-milhoes-com-menos-brancos-e-mais-pardos-e-pretos https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/21206-ibge-mostra-as-cores-da-desigualdade</p>	

Figura 09: Planejamento socioeducativo – MAPREI “Negro Sim, protagonista também”. Parte 03

Fonte: Legião da Boa Vontade (LBV) – Campo Grande, MS.

Tecendo algumas considerações

O presente artigo é fruto de uma trajetória pessoal, que iniciei em 2016 com a conclusão de minha graduação. Como mulher e negra, como mãe e docente, a escolha em educar para as relações étnico-raciais tem motivações resultantes de acontecimentos pessoais a partir dos quais pude vivenciar como é a sensação de sofrer com algo tão cruel, como o racismo, e não saber como agir ou a quem recorrer, seja por falta de conhecimento, e até mesmo, por sucumbir às manobras e rearranjos racistas, que insistem em nos colocar em condições de desigualdade.

Mediante a isso e, a fim de buscar respostas à seguinte questão: *Como se dá o trabalho pedagógico de educadores sociais, por meio de oficinas socioeducativas, para a valorização da cultura negra em espaços não escolares?* Iniciei a presente pesquisa, tendo como principal motivo pela escolha da ONG lócus da pesquisa suas referências quanto ao trabalho social desenvolvido com crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade, na cidade de Campo Grande/MS.

A pesquisa apontou a importância dos profissionais que atuam nesses espaços, quanto à promoção da igualdade racial e identidade negra, e como a atuação profissional desses educadores sociais está diretamente ligada às suas percepções e vivências em relação ao assunto. Destaca-se, ainda, a motivação e intenção social dos indivíduos participantes da pesquisa, a metodologia própria da instituição e a relação de afetividade estabelecida entre educandos e educadores, reforçando o lema institucional de: “Educar para além do intelecto”.

Algo muito interessante que pude notar durante a realização da pesquisa (novembro de 2018 a dezembro de 2018) é que a profissão Educador Social ainda não era regulamentada por Lei, o que gerava nessas profissionais muita angústia e também insegurança e insatisfação, em entrevista elas pontuaram sobre a importância dessa regulamentação no que tange desde a qualificação profissional à remuneração correspondente ao cargo. No entanto, no dia 10 de abril de 2019 o CAS (Conselho de Assuntos Sociais) aprovou o projeto de Lei do Senado nº 328, de 2015, que regulamenta a profissão e define o campo de atuação desses profissionais, assim como, o nível de escolaridade exigido. Essa conquista é sem dúvida um grande marco para a classe.

Outro aspecto observado, foi a presença predominante de educadoras do sexo feminino. Associo essa presença feminina, ao que FREIRE (1993) alerta em sua obra: “Professora sim, Tia não: Cartas a quem ousa ensinar”, sobre uma linha tênue que existe dividindo o ato de educar, do ato de cuidar. A nossa sociedade, por meio dos reflexos de suas bases patriarcais e machistas, tende a confundir o papel de um professor/educador com o de um cuidador, gerando consequências graves, como: as tentativas de negação ao direito e acesso à educação infantil das crianças de mães/responsáveis não trabalhadores; a “terceirização” da educação de valores, por meio de pais e responsáveis que, acabam transferindo suas responsabilidades para com seus filhos, às instituições de ensino, sejam elas de educação formal e/ou informal; e, o fato de essas instituições, priorizarem a contratação de mulheres, como reflexo de uma intervenção cultural, em que o ato de cuidar está diretamente ligado à figura feminina, gerando casos de rejeição, discriminação e estranheza, ao vermos a figura masculina atuando na educação infantil. Esse aspecto me chamou a atenção, despertando horizontes de possibilidades para um futuro estudo.

Durante o período de observações na ONG, um dos momentos que mais me sensibilizaram foram os de preces, mesmo que com todos os esforços empenhados para a inclusão de todos, o receio de manifestação por parte dos usuários de religiões de matrizes africana é nítido. Entendendo que o papel da instituição é diluído de questões religiosas,

acredito que a melhor maneira de se trabalhar essa inclusão seria proporcionando um trabalho pedagógico direcionado para a cultura afro-brasileira, não somente com os usuários, mas também com suas famílias e a comunidade. O maior desafio no ato de educar para a igualdade racial está em romper com a perspectiva eurocêntrica apresentada nos currículos escolares, por isso faz-se necessário trabalhar a história e cultura dos povos africanos e afro-brasileiros.

A ONG, lócus da pesquisa, tem como diferencial sua linha educacional e seu trabalho com equipe multiprofissional, ao todo, são três técnicas (assistente social, psicóloga e pedagoga) responsáveis pelo trabalho social desenvolvido na instituição. A meu ver, ter esse apoio profissional na equipe, contribui muito para avanços significativos, quanto à superação de vulnerabilidades sociais das crianças e adolescentes e suas respectivas famílias, atendidas no Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos. É um trabalho de “formiguinha”, que ao final agrega muito a cada um (tanto profissionais, quanto usuários). Esse trabalho multiprofissional realizado na ONG deveria serviria como modelo para as escolas, seria um grande desafio a ideia de romper com o método tradicionalista, ainda fortemente presente na educação brasileira. Esse olhar construtivista do ser como um todo, abriria caminhos para uma educação mais humana, em que o educando é protagonista de seu próprio conhecimento, proporcionando a cada indivíduo superação de condições de desigualdades.

A assistente social realiza todo o trabalho de identificação das necessidades familiares e individuais, auxilia com benefícios (quando necessário) e com orientações para que o grupo familiar tenha acesso a informações e com isso exerçam seus direitos e deveres. A psicóloga realiza o acompanhamento dos atendidos, auxiliando-os em resoluções de conflitos, identificação de violações de direitos e demandas dos usuários, apoio emocional e encaminhamentos para a rede de serviço e para especialistas. E a pedagoga direciona o trabalho pedagógico em oficinas socioeducativas, auxiliando e contribuindo com os educadores sociais, seja na elaboração de planejamentos socioeducativos, no estabelecimento de vínculos afetivos entre educadores e educandos, nas mediações de conflitos, e com orientações e direcionamentos a respeito do trabalho social da ONG. Esse apoio é algo que diferencia o trabalho da ONG no meio em que ela está inserida, contribui para que de fato toda a proposta educacional seja efetiva.

Situações de racismo e preconceitos são constantes, porém, trabalhados por essas profissionais dentro e fora de oficinas socioeducativas, elas realizam mediações de conflitos pautadas no fortalecimento de vínculo entre os sujeitos e no respeito mútuo, e

quando identificam maior necessidade abordam o tema dentro das atividades socioeducativas, partindo sempre do pressuposto de valorização da cultura negra, e não da condição do negro como escravo. Tal prática pedagógica é extremamente relevante para as crianças negras inseridas nesse espaço e contribui muito com a autoestima delas.

Outro ponto importante a se considerar é o MAPREI (Método de Aprendizagem por Pesquisa Racional Emocional e Intuitiva), a ferramenta pedagógica da instituição é muito efetiva e completa, considera as diversas formas de aprendizagens. Ao mesmo tempo que facilita a escrita do planejamento socioeducativo, ela nos desafia (enquanto educadores) a pensarmos formas diferenciadas de trabalho, proporcionando àqueles que a utilizam um momento de autoavaliação, ao mesmo tempo que se torna muito importante para o crescimento profissional de quem a utiliza, também gera desconforto, pois, exige-se a capacidade de romper com a relação de autoridade do educador, para estar aberto a ouvir de seus educandos, suas opiniões e avaliações acerca do trabalho desenvolvido. Essa avaliação é uma maneira muito sagaz de tirar o profissional da sua zona de conforto e despertá-lo quanto a busca por crescimento e conhecimento.

Quanto aos usuários, a palavra que os define é: Amor. São crianças e adolescentes que, apesar das suas demandas de; violação de direitos, abandono afetivo e intelectual, deficiências, transtornos de desenvolvimento, e violência física e psicológica, são extremamente carinhosos e acolhedores. Pude notar a responsabilidade que a instituição tem para com seus usuários e a superação de suas vulnerabilidades, todas as crianças que apresentam alguma manifestação comportamental são inseridas em estudo de caso, e toda a equipe se mobiliza para identificar estratégias de trabalho, tanto que, desses estudos, resultam os acompanhamentos psicológicos que identificam necessidades especiais, facilitando o trabalho para o desenvolvimento desses indivíduos e contribuindo com sua vida em todas as esferas (escola, família e comunidade).

A maioria dos atendidos na unidade, são pretos e pardos, algo que está diretamente relacionado a condição do negro na sociedade brasileira, e é fundamental que essas crianças e adolescentes tenham garantido por lei a oportunidade de estarem inseridas nesse contexto social, em instituições que visam o comprometimento com o ser e o seu desenvolvimento integral, o trabalho que a instituição promove é fundamental para cada um naquele espaço, se opondo ao que geralmente acontece, a marginalização e exclusão social dos nossos jovens periféricos.

Quanto às educadoras sociais, o que ficou mais evidente foi a importância dessas profissionais e de suas atuações dentro desses espaços. São elas que estão na linha de

frente do trabalho socioeducativo, atuam diretamente com os usuários, e acabam que, de maneira inconsciente, vão absorvendo todas as manifestações emocionais dos atendidos. É um trabalho nobre e desafiador, digno de grandes reconhecimentos. É preciso a todo momento reinventar-se, pois, são muitos os desafios cotidianos, e infelizmente pude notar pela fala dessas profissionais que esses desafios acabam sobressaindo a todas as conquistas e avanços de cada um, como se fosse uma maneira inconsciente de reforço às suas limitações, atuando em detrimento às suas conquistas. Acredito que quando essas educadoras se perceberem e se permitirem, quando compreenderem a importância que cada uma tem, quando se notarem enquanto formadoras de cidadãos, alavancarão grandes conquistas pessoais e agregarão muito às suas práticas educativas.

A pluralidade cultural é vasta, o trabalho para a diversidade e inclusão é consistente e responsável, a maneira como se estabelece as relações entre educandos e educadores é agente facilitador do processo educativo, a afetividade os aproximam e abre possibilidades, a relação de confiança mútua impulsiona as ações pedagógicas, o protagonismo infanto-juvenil é regra nas práticas pedagógicas.

No geral o sentimento que tive durante o processo de pesquisa foi de satisfação, apesar dos muitos desafios, pude notar todas as pessoas dentro daquele espaço se empenhando em dar o seu melhor, em contribuir com cada uma daquelas crianças, seja por meio de uma ação/intervenção, ou proporcionando um ambiente limpo e higienizado e uma alimentação saudável e muito saborosa, até mesmo por um simples sorriso e abraço.

E finalizo esta pesquisa deixando como possibilidade a contemplação desses espaços de educação informal na Lei 10.639/03, pois, sabemos que existe uma lacuna no serviço social no que tange à aplicabilidade de ações pedagógicas voltadas para as relações étnico-raciais. E a garantia, por lei, asseguraria que não somente na instituição onde realizei a pesquisa, mas em todos os espaços de educação não escolar no território brasileiro, fosse firmado esse compromisso com a história desse país e com a identidade negra.

Referências:

BRASIL, Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília, DF: MEC, 2004. Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp->

[content/uploads/2012/10/DCN-s-Educacao-das-Relacoes-Etnico-Raciais.pdf](#). Acesso em 10/03/2019.

BRASIL, **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro 1996. Lei de diretrizes e bases da educação nacional.** Brasília DF, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm. Acesso em 13 de março de 2019.

BRASIL, *Lei nº 10639 de 09 de janeiro de 2003. Lei de diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira".* Brasília DF, 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm. Acesso em 10 de março de 2019

BRASIL. Lei nº. 8069 de 13 de julho de 1990. **Estatuto da Criança e do Adolescente.** Disponível em: https://www.chegadetrabalho infantil.org.br/wp-content/uploads/2017/06/LivroECA_2017_v05_INTERNET.pdf acesso em 02 de fevereiro de 2019.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Secretaria Nacional de Assistência Social. **Caderno de orientações - Serviço de Proteção e Atendimento Integral à Família e Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos.** Brasília 2016. Disponível em: https://www.mds.gov.br/webarquivos/arquivo/assistencia_social/cartilha_paif_2511.pdf acesso em 10/03/2019. Acesso em 10 de março de 2019.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Secretaria Nacional de Assistência Social. **Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais.** Brasília, 2014. Disponível em: http://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Normativas/tipificacao.pdf. Acesso em 02 de fevereiro de 2019.

CALDERONI, Valeria Aparecida Mendonça de Oliveira; MARQUES, Eugênia Portela Siqueira. **OS DESDOBRAMENTOS EPISTÊMICOS TRAZIDOS PELAS LEIS 10.639/2003 E 11.645/2008: POSSIBILIDADES DE SUBVERSÃO À COLONIALIDADE DO CURRÍCULO ESCOLAR.** OPSIS (On-line) Catalão, GO Julho/dezembro 2016.

CARVALHO, Josué de Oliveira; CARVALHO Lindalva R. S. O. **A educação social no Brasil: contribuições para o debate.** 1º Congresso. Internacional Pedagogia Social, março de 2006. Disponível em: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000092006000100024&script=sci_arttext acesso em 02 de fevereiro de 2019.

COMENIUS, Johann Amos. **Didática magna.** Tradução ABU-MERHY. Nair Fortes. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1954. 417p.

CAMPELO, Leandro Sauer Estevan; CAPILLÉ Maria Auxiliadora Leal. **O MAPEAMENTO DOS ÍNDICES DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO SOCIAL EM CAMPO GRANDE-MS: UMA NOVA REFLEXÃO.** Editora Oeste, Campo Grande

MS 2012. Disponível em: <http://www.campogrande.ms.gov.br/sas/wp-content/uploads/sites/19/2016/12/Mapeamento-dos-I%CC%81ndices-de-Inclusa%CC%83o-e-Exclusa%CC%83o-Social-em-Campo-Grande-MS.pdf>. Acesso em 12 de março de 2019.

DEWEY, John. **Vida e Educação**. Edições Melhoramento, São Paulo, 1971.

FERNANDES, R. C. **Privado, porém público: o terceiro setor na América Latina**. Rio de Janeiro: CIVICUS; Relume-Dumará, 1994.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler, em três artigos que se completam**. São Paulo: **COLEÇÕES POLÊMICAS DO NOSSO TEMPO**, 23ª edição. Editora Cortez, 1989. Disponível em: https://educacaointegral.org.br/wp-content/uploads/2014/10/importancia_ato_ler.pdf. Acesso em 10 de março de 2019.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, Tia não: cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo, Olho D'Água, 1993.

FERNANDES, Florestan. **O negro no mundo dos brancos**. São Paulo, 1965-1969.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. **A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa**. Cadernos de Pesquisa, n.116 São Paulo, Julho/2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1975.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. **Raça, cor, cor de pele e etnia**. Cadernos do campo, São Paulo, nº 20, 2011.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. **Racismo e Anti-Racismo no Brasil**. São Paulo, SP. Editora 34, 2005

KISHIMOTO, Tizuko Morchida; PINAZZA, Mônica Apezatto. Froebel: uma pedagogia do brincar para infância. In: **Pedagogia (s) da infância: dialogando com o passado construindo o futuro**. [S.l: s.n.], 2007.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura, um conceito antropológico**. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2001.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1990.

MUNANGA, Kabengele. **UMA ABORDAGEM CONCEITUAL DAS NOÇÕES DE RACA, RACISMO, IDENTIDADE E ETNIA**. PENESB-RJ 05/11/2003. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/04/Uma-abordagem-conceitual-das-nocoos-de-raca-racismo-dentidade-e-etnia.pdf>. Acesso em 19 de março de 2019.

MUNANGA, Kabengele; [GOMES, Nilma Lino](#). **O negro no Brasil de Hoje**. 1. ed. São Paulo: Global/Ação Educativa, 2006.

NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro – Processo de um racismo mascarado**. Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro – RJ 1978.

NETTO, José de Paiva. **É urgente reeducar!** São Paulo: Editora Elevação, 2010.

NETTO, José de Paiva. Discurso proferido por Paiva Netto durante a cerimônia de Iluminação do prédio do ParlaMundi da LBV. Brasília, 24 de dezembro de 1994, disponível em: <https://www.paivanetto.com/pt/caridade/apostando-no-ser-humano>.

OLIVEIRA, Anna Cynthia; HADDAD, Sérgio: **AS ORGANIZAÇÕES DA SOCIEDADE CIVIL E AS ONGS DE EDUCAÇÃO**. Cadernos de Pesquisa, nº 112, p. 61-83, março/ 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/cp/n112/16101.pdf> acesso no dia 02 de fevereiro de 2019.

OLIVEIRA, Lidiane Souza de. **RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E INFÂNCIA: ANALISANDO AS COMPREENSÕES DE PROFESSORAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL**. N° total de páginas 43 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação). Campo Grande: Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul - UEMS. Campo Grande/MS, 2016.

PERIOTTO, Maria Sueli. **A INTERDISCIPLINARIDADE E A PRÁTICA PEDAGÓGICA DA REDE DE ENSINO DA LBV: UMA PROPOSTA DE EDUCAÇÃO PARA O SER INTEGRAL**. N° total de páginas 161 p. Tese (Doutorado). São Paulo: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO - PUC, São Paulo/SP, 2017.

PERIOTTO, M. S. (org.) **Manual da Pedagogia do Afeto e da Pedagogia do Cidadão Ecumênico**. In _____. São Paulo: Editora Elevação, 2009.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**. * São Paulo: Abril Cultural, 1978.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. As culturas negadas e silenciadas no currículo. In: Silva, T.T. da (Org.). **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação**. Petrópolis: Vozes, 1995.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. As culturas negadas e silenciadas no currículo. In: Silva, T.T. da (Org.). **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação**. Petrópolis: Vozes, 1995.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

TRILLA, J.; ROMANS, M.; PETRUS, A. **Profissão Educador Social**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

VYGOTSKY, L. S. **A Formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.